

# **A Revolução Brasileira: um diálogo entre Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Caio Prado Júnior**

## **The Brazilian Revolution: a dialogue between Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado and Caio Prado Júnior**

Regina Curtis

### **Resumo**

Neste artigo recuperamos o pensamento de três representantes da esquerda intelectual do país que no decorrer da década de 1960 se encontravam refletindo acerca das transformações que vinham se processando nas instituições políticas, econômicas e sócio-culturais da sociedade brasileira. Trata, de modo mais específico, das diferentes idéias de Revolução que circulavam naquele período entre os seguintes autores e suas respectivas obras: Nelson Werneck Sodré, "Introdução à Revolução Brasileira"; Celso Furtado, "A Pré-Revolução Brasileira" e Caio Prado Júnior, "A Revolução Brasileira". Para tanto vamos explorar os pontos de convergência e divergência entre o pensamento destes intelectuais, demonstrando, assim, as diferentes interpretações sobre as possibilidades de se realizar a Revolução no Brasil.

**Palavras-chaves:** esquerda; intelectuais; revolução.

### **Abstract**

In this article we recover thought of three representatives of the left intellectual of the country that in the current decade of 1960 reflected on the transformations that were taking place in the political, economic and the socialcultural intitutions of Brazilian society. This article deals, in a specific way, with different ideas of Revolution that circulated in that period between the following authors and works: Nelson Werneck Sodré's *Introdução à Revolução Brasileira*; Celso Furtado's *A Pré-Revolução Brasileira* and Caio Prado Júnior's *A Revolução Brasileira*. We set out to explore the convergence and divergence points between these intellectuals demonstrating, thus, the different interpretations of the possilibilities to carry but Revolution in Brazil.

**Key-words:** left; intellectuals; revolution.

Inicialmente faz-se necessário esclarecer que este artigo é parte de uma reflexão maior na qual são abordadas as idéias de Revolução presente nos diferentes setores da esquerda brasi-

leira no período da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70. Esta reflexão contempla, ainda, a forma como os militares se utilizaram do *clima revolucionário* decorrente destas

Regina Curtis é Professora do Curso de História da ULBRA/Gravataí; Mestre em História pela UFRGS; Pesquisadora do Regime Militar Brasileiro.

Endereço para correspondência: reginamcurtis@yahoo.com.br

Textura	Canoas	n. 11	janeiro/junho 2005	p.65-72
---------	--------	-------	--------------------	---------

idéias para deflagrar e legitimar o movimento golpista de 1º de abril de 1964.

Os limites deste trabalho, portanto, referem-se a um resgate e análise das idéias de Revolução de três representantes da intelectualidade da esquerda brasileira do período referido. Os autores e obras contemplados são respectivamente: Nelson Werneck Sodré, "Introdução à Revolução Brasileira"; Celso Furtado, "A Pré-Revolução Brasileira" e Caio Prado Júnior, "A Revolução Brasileira".

## O PENSAMENTO DOS AUTORES COMO SINTOMA DE UMA ÉPOCA

Uma análise específica das obras destes intelectuais nos possibilitou obter uma visão mais ampla acerca das questões envolvidas no processo revolucionário brasileiro no contexto dos anos 60. Ainda que seus livros não tenham se constituído num diálogo direto entre os autores, a leitura atenta de suas reflexões nos permitiu verificar que eles compartilhavam da mesma posição em alguns pontos daquele processo. Possibilitou também identificarmos os aspectos em que divergiam, demonstrando assim as diferentes interpretações efetuadas pelos intelectuais da esquerda sobre a idéia de Revolução no Brasil no decorrer dos anos 60.

O primeiro aspecto que nos chamou atenção em relação às obras destes autores, refere-se ao modo como eles caracterizaram o período pré-golpe. Celso Furtado ao definir aquele momento como uma fase pré-revolucionária, onde as ansiedades coletivas se agudizavam dia após a dia, procurava demonstrar que se fazia urgente tomar medidas práticas que proporcionassem o desenvolvimento econômico do país, o qual deveria segundo o autor, ser conduzido com verdadeiro critério social. Furtado não apenas levantava a necessidade daquele desenvolvimento, como também apontava o seu caminho afirmando que naquele momento as Reformas de Base se configuravam na melhor alternativa existente. (BANDEIRA, 1977)

Nelson Werneck Sodré deixa clara sua posição já no início de sua obra, ao afirmar que estaríamos vivendo naquele momento o desen-

volvimento da Revolução Brasileira, a qual era entendida por ele, como "o processo de transformação que o nosso país atravessa, no sentido de superar as deficiências originadas de seu passado colonial e de estar incompleta a revolução burguesa no seu desenvolvimento histórico."<sup>1</sup> Deste modo, para Sodré o período anterior ao golpe era caracterizado como um momento em que a exigência maior consistia na manutenção e ampliação do regime democrático, bem como na adoção de uma solução nacionalista para os problemas de exploração econômica das riquezas do país. Assim como Celso Furtado, Sodré também percebia as *Reformas de Base* como um conjunto de medidas necessárias e positivas para o país. Entretanto, enquanto para Furtado elas se configuravam na solução dos problemas que o país vivia naquele período, para Sodré a implantação daquelas reformas era vista apenas como uma etapa necessária do processo revolucionário, o qual não poderia a elas se limitar, nem delas prescindir. Afinal, para o autor àquelas reformas, continham sentido revolucionário, constituindo-se, portanto, em etapa necessária da Revolução.

Enquanto estes dois autores mantinham uma postura favorável em relação às medidas propostas pelo governo de João Goulart, Caio Prado apresentava uma posição crítica frente ao seu governo e as reformas nele propostas. Esta sua posição, resultava de uma leitura bastante distinta dos demais autores, acerca da realidade brasileira do período.

Em primeiro lugar, para Caio Prado foi um erro fatal a leitura que a esquerda da época efetuou do período imediatamente anterior ao golpe. Ainda que o autor caracteriza-se o período como pré-revolucionário, assim como o fizeram os demais autores, sua posição era distinta dos demais, à medida que para ele a esquerda se encontrava absolutamente equivocada ao acreditar que se vivia naquele momento um período de profundo avanço no processo revolucionário. Esta leitura, apenas teria contribuído para preparar o golpe, uma vez que deu às forças retrógradas do país a justificativa que necessitava, ou seja:

o alarma provocado pela desordem administrativa implantada à sombra da inépcia governamental aproveitada e explorada por agitação estéril sem nenhu-



ma penetração no sentimento popular e estimulada no mais das vezes por interesses subalternos e mesquinhas ambições pessoais. (PRADO JÚNIOR, 1966, p.22)

Segundo o autor, isto teria permitido à reação, criar a ilusão sobre grande parte da opinião pública de que ela cumpriria com a função de salvar o país do caos que parecia iminente, obtendo senão o apoio, ao menos a sua passividade frente ao golpe civil-militar de 64.

Enfim, Caio Prado procurava demonstrar, que no momento anterior ao golpe, o que se achava de fato mobilizado e atuando no processo revolucionário em curso, eram apenas reduzidas cúpulas esquerdistas. Definindo o governo de João Goulart como um *“dispositivo partidário vazio de qualquer conteúdo ideológico, e que essencialmente não disputava senão as vantagens da posse e do usufruto do poder para sua facção”* (PRADO JÚNIOR, 1966, p.29), Caio Prado concluía sua caracterização afirmando que, embora contasse com condições altamente favoráveis para o desencadeamento do processo revolucionário dada a maturidade das contradições presentes na conjuntura econômica e social brasileira, aquele momento histórico não se configurava num período de ascenso e avanço revolucionário como acreditava grande parte da esquerda brasileira da época e, em especial o PCB.

Frente às distintas leituras do período que antecedeu ao golpe civil-militar de 64, efetuadas por aqueles três intelectuais, diferentes tarefas foram por eles apresentadas por eles como solução para o país efetuar as transformações revolucionárias de que necessitava.

Tendo escrito sua obra em momento anterior ao golpe, Celso Furtado apresentava como a grande tarefa a ser posta em prática no país a realização das *Reformas de Base*. Como para o autor a aplicação da técnica do marxismo-leninismo se configurava em retrocesso político restaria, portanto, como tarefa revolucionária, o desenvolvimento de técnicas que permitissem alcançar rápidas transformações sociais com os padrões de convivência humana de uma sociedade aberta.

Entre as medidas apontadas por Celso Furtado encontrava-se a necessidade de se dar maior elasticidade às estruturas através de modifi-

cações constitucionais que permitissem realizar a reforma agrária e modificar pela base a maquinaria administrativa estatal, o sistema fiscal e a estrutura bancária; subordinar a ação Estatal a uma clara definição de objetivos de desenvolvimento econômico e social e ter um estatuto que disciplinasse a ação do capital estrangeiro. Enfim, numa contundente defesa das reformas, Furtado acreditava que àquela seria a grande tarefa revolucionária do período. Como o próprio autor afirmava *“é como um programa de governo que devemos conceber esse movimento em grande escala, em busca da conquista final do Brasil, a realizar-se nos próximos decênios.”* (PRADO JÚNIOR, 1966, p.116)

De Nelson Werneck Sodré, resgatamos sua opinião a respeito da tarefa revolucionária que caberia ao país em dois momentos distintos. Um primeiro momento anterior ao golpe e, um segundo momento já tendo transcorrido o movimento golpista, ou seja, em pleno regime militar.

No primeiro momento de sua análise, Sodré afirmava estar, ainda, incompleta a revolução burguesa no país e acreditava na necessidade de se realizar uma revolução democrático-burguesa de modo a se liquidar com os restos feudais ainda existentes na sociedade brasileira. Ressaltava ainda, que caberia ao *povo*, a tarefa de conduzir o processo da Revolução Brasileira, o qual possibilitaria ao país se libertar do imperialismo e do latifúndio, elementos considerados como os dois grandes inimigos do desenvolvimento do Brasil. Fazia parte da grande tarefa revolucionária, portanto, para Sodré, a realização das *Reformas de Base*, as quais mesmo não contendo conteúdo socialista fariam avançar o processo revolucionário brasileiro.

Segundo Sodré, a ditadura militar além de não ter paralisado o processo da Revolução Brasileira, teria também contribuído no desenvolvimento das condições necessárias para a formação da frente democrática. Caberia a esta, portanto, recusando-se ao esquerdismo, lutar pela redemocratização, isto é, *“no restabelecimento dos direitos políticos e das garantias individuais cuja violação se erigiu em característica essencial da Ditadura.”* (SODRÉ, 1963, p.256) da ditadura e contra ela o processo revolucionário brasileiro prosseguiria.

Para compreendermos a posição de Caio



Prado acerca da tarefa revolucionária daquele momento histórico, é preciso em primeiro lugar considerar que para o autor, o agente capaz de dar continuidade ao processo revolucionário brasileiro constituía-se na massa trabalhadora do campo. Esta mesmo sendo considerada uma força potencialmente revolucionária necessitava, para realizar a tarefa revolucionária que lhe cabia, do auxílio do proletariado urbano. Setor que segundo o autor, gozava de um nível cultural e político mais elevado, cabendo-lhe a função de dirigir a massa trabalhadora rural naquela tarefa. Para Caio Prado, seria sobre essa aliança que se apoiaria o processo revolucionário brasileiro.

Teoricamente, portanto, a grande tarefa a ser realizada naquele momento, consistiria numa real e adequada apreciação da estrutura econômica e social da agropecuária brasileira, discriminando devidamente os vários setores da massa trabalhadora rural a fim de definir a posição de qual e seu papel no processo revolucionário. Quanto às medidas práticas a serem tomadas, o autor acreditava assentarem-se em um duplo objetivo: a mobilização da massa trabalhadora rural e a elevação dos padrões materiais e do estatuto social da população trabalhadora rural. Assim, as tarefas essenciais a serem cumpridas, consistiam de um lado na necessidade de se assegurar a efetiva aplicação, ampliação e extensão da legislação rural trabalhista, destinada a conceder ao trabalhador empregado um estatuto material e social adequado, e de outro lado, em ampliar os horizontes de trabalho e emprego oferecidos pelas atividades econômicas do país, de modo a assegurar ao conjunto da população trabalhadora ocupação e meios regulares de subsistência. Para Caio Prado, na medida em que se conseguisse mobilizar e organizar a massa trabalhadora do campo, de maneira que ela se encontrasse em condições de efetivamente lutar pelas conquistas de seus direitos e reivindicações, se estaria criando ao mesmo tempo, as condições para que ela passasse a participar da vida política brasileira, o que seria da maior importância e significação revolucionária.

Como pode ser percebido, ao contrário de Sodré, que acreditava na necessidade de se consolidar a revolução burguesa em nosso país, para Caio Prado a tarefa revolucionária funda-

mental consistiria, não na implantação definitiva do capitalismo, mas sim em sua superação. Para Caio Prado, o Brasil já se achava incluído na dinâmica do capital, antes mesmo de sua integração no sistema internacional do capitalismo industrial, e isso por força de sua própria formação dentro de um sistema mercantil. Opinião que se opunha não somente a de Sodré, mas as próprias teses acerca da Teoria Revolucionária Brasileira de seu próprio partido, o PCB. Este, segundo Caio Prado, mesmo que já houvesse detectado a necessidade da aliança entre a massa trabalhadora do campo e o proletariado urbano, teria se equivocado no modo como propunha esta aliança, a qual se verificava *"em função muito menos das circunstâncias próprias e específicas da Revolução Brasileira que em obediência aos textos consagrados do marxismo-leninismo e à teoria e norma elaborada em condições e para situação estranha ao Brasil."* (PRADO JÚNIOR, 1966, p.280)

O PCB, ao acreditar que a conjuntura do processo histórico-social brasileiro refletia a transição de uma fase feudal ou semifeudal para a democracia burguesa e o capitalismo, elaborou inspirado no modelo da literatura marxista clássica, a idéia da Revolução democrático-burguesa, agrária e anti-feudal. A esta acrescentou apenas, o que Caio Prado denominava de um *toque original*, a luta antiimperialista, onde teria também se equivocado ao buscar outro modelo estranho ao país. O modelo dos países asiáticos dominados e explorados pelas grandes potências coloniais e européias.

Enfim, Caio Prado ao discutir as tarefas e a própria concepção da Revolução Brasileira buscou, sobretudo, demonstrar que o mais importante não consistia em qualificar o histórico, mas sim em fazer a história a partir de condições concretas, ou seja, a consideração, análise e interpretação da conjuntura econômica, social e política real e concreta do país, procurando nela sua dinâmica própria. Portanto, a Teoria da Revolução Brasileira para ser algo de efetivamente prático na condução dos fatos deveria ser a interpretação da conjuntura presente e do processo histórico de que resultava. Processo, que na sua projeção futura, daria cabal resposta as questões pendentes.

Até o momento, expomos os pontos onde nos foi possível verificar as divergências de lei-



tura, entre estes intelectuais, com relação ao processo revolucionário brasileiro. Para finalizar, buscaremos demonstrar em relação a que aspectos suas leituras se aproximavam, apesar das divergências teóricas e interpretativas frente às demais questões.

Ainda que o conteúdo e a intensidade da crítica fossem diferenciadas, verificamos que tanto Sodré como Caio Prado, atribuíram grande parte da responsabilidade pelo fracasso do processo revolucionário brasileiro à própria esquerda do país.

Para Sodré, o erro maior da esquerda brasileira teria se constituído no que ele denominou de *esquerdismo*, o qual consistia na subestimação das *Reformas de Base*, propostas no governo de João Goulart, ou seja, na suposição de que aquelas reformas eram estranhas aos interesses do povo brasileiro e, particularmente aos de seu proletariado. Duvidando de seu sentido revolucionário, elas não teriam tido o alcance, segundo o autor, de perceber que mesmo não tendo cunho socialista, as reformas poderiam ter contribuído para a continuidade do processo revolucionário brasileiro. (SODRÉ, 1963)

Mais crítico às esquerdas, ainda, mostrava-se Caio Prado. Para este autor, que partia de uma sólida postura teórica da realidade brasileira, o equívoco maior da esquerda localizava-se em sua postura metodológica invertida na elaboração de uma teoria revolucionária para o país. Sua crítica era dirigida às esquerdas de um modo geral, mas em especial, ao PCB. Tendo resistido à visão oficial deste partido, sobre a existência de uma fase feudal no período da colonização brasileira, Caio Prado assumia publicamente o debate, principalmente por questões de prática política, buscando demonstrar a insuficiência das concepções que vinham orientando a ação revolucionária no Brasil. Não adentrando aos aspectos em que o autor discordava daquelas concepções, gostaríamos apenas de expor aquela que teria sido sua crítica maior para com as esquerdas. Tratava-se do enquadramento forçado da teoria marxista clássica à realidade brasileira sem fazer as devidas adequações. Desta maneira, constituindo-se não numa apropriação teórica equivocada, como a considerava Sodré, que não aceitava a revolução de tipo marxista-leninista como solução para a realidade brasileira, mas sim em inversão meto-

dológica. Segundo Caio Prado a teoria marxista da revolução brasileira teria se elaborado sob o signo de abstrações, de conceitos formulados a priori e sem consideração adequada dos fatos, procurando-se posteriormente encaixar nesses conceitos a realidade concreta. Como consequência desta inversão metodológica, o autor resgatava, principalmente, a má condução da prática, da ação revolucionária que teria sido adotada por grande parte da esquerda brasileira. (PRADO JÚNIOR, 1966)

A relação do Brasil com o imperialismo constituiu-se em outro ponto, onde foi possível resgatar a visão dos três autores. Em relação a este aspecto, se por um lado todos eles viam no imperialismo um obstáculo a ser superado, por outro lado, as expectativas frente ao futuro desta relação mostravam-se diferenciadas para cada autor.

Celso Furtado, a este respeito, aponta para um caminho favorável ao Brasil. Influenciado pela visão cepalina, acreditava que a industrialização permitiria ao país inserir-se de forma autônoma nos quadros da divisão internacional do trabalho capitalista, rompendo deste modo, o círculo vicioso de submissão do Brasil ao imperialismo. Enfim, para o autor a industrialização completaria o projeto nacional de desenvolvimento do país. (OLIVEIRA, 1997)

Com uma interpretação diversa a de Furtado, Sodré identificava no imperialismo um dos principais inimigos da Revolução Brasileira. Caracterizada por ele como Democrática e Nacional, à Revolução Brasileira estaria reservada a tarefa de enfrentar o imperialismo de maneira a libertar o país econômica e politicamente. Era emblemático de sua posição inclusive, a forma como caracterizava o golpe denominando-o de *intervenção cirúrgica do capitalismo*. Assim, num contexto internacional onde se verificava a redução da área imperialista e a ampliação da área socialista - Cuba constituía-se no maior exemplo disto - restava ao imperialismo, na leitura do autor, como último e único recurso o emprego da violência militar.

Quanto a Caio Prado, resultava de suas reflexões acerca deste tema, a constatação de que no Brasil o domínio do imperialismo teria ocorria de modo diferenciado, quando comparado às relações que este estabelecia com os países da África e da Ásia. Diferenciação que não era feita



na Teoria Revolucionária Brasileira da esquerda brasileira, em especial do PCB. O autor resgata, portanto, que no Brasil a dominação imperialista teria raízes profundas, resultando de fatores que vinham atuando ao longo de toda a formação e evolução histórica do país. Este fato, teria ocorrido devido o Brasil ter sido colonizado já como parte e peça de um sistema mercantil internacional. Afirmava ainda que *“nesta mesma situação ele se perpetua sofrendo as contingências daquele sistema internacional de que é parte dependente e subordinada, e a ela se adaptando.”* (PRADO JÚNIOR, 1966, p.301) Portanto, era da libertação de tal sistema que se tratava a realização da Revolução Brasileira para Caio Prado. Necessidade que nos aproximava da realidade dos demais países também dependentes do imperialismo. Entretanto, a especificidade do caso brasileiro residiria, para o autor, no fato de que no Brasil não seria possível libertarmos da subordinação do imperialismo sem eliminar concomitantemente os elementos de nossa organização interna econômica e social, herdadas de nossa formação colonial.

Ao contrário do peso atribuído à industrialização por Celso Furtado como fator capaz de levar o Brasil a superar os seus entraves, para Caio Prado nossa industrialização limitava-se a uma indústria substitutiva de importação e dominada por empreendimentos imperialistas, isto é, nossa indústria permanecia limitada justamente por se tratar de um processo comandado por interesses estrangeiros.

O último aspecto a ser considerado, reside talvez no único ponto em que os três autores compartilhavam das mesmas expectativas: o otimismo frente ao futuro da realidade brasileira.

Celso Furtado ao finalizar sua obra vislumbrava um futuro grandioso para o Brasil. Este seria resultado de um processo que vinha já de alguns anos sendo construído pelos governos anteriores. A construção de Brasília, a abertura de estradas pelo Brasil afora, o voltar-se para o problema dos desequilíbrios regionais, assim como o grande movimento de opinião que visava romper a anacrônica estrutura agrária do Brasil, abriam para Furtado grandes perspectivas para as forças progressistas do país. Segundo ele:

se persistirmos nessa direção, teremos iniciado uma época de pioneirismo que poderá fazer do Brasil

uma das áreas de maior dinamismo demográfico e ímpeto econômico do mundo, na segunda metade do século. Teremos escolhido o caminho difícil que sempre coube as gerações de pioneiros. (FURTADO, 1962, p.115)

Um aspecto singular de seu otimismo pode ser percebido no fato do autor depositar no governo nacional, e não nas categorias sociais apontadas pelos demais autores, o papel de condutor daquele processo.

Nelson Werneck Sodré conseguiu extrair o lado positivo até mesmo da ditadura, a qual considerava como o maior retrocesso já vivenciado na história política do país. Sodré acreditando que a implantação do Regime Militar teria ajudado nas condições para a formação da frente democrática, afirmava que a lição a ser tirada com aquele evento, estaria na recusa ao esquerdismo, devendo a sociedade unir-se em torno da redemocratização do país. O autor ia, ainda mais longe em seu otimismo, ao afirmar que a ditadura não havia conseguido paralisar o processo revolucionário brasileiro que se encontrava em curso no país. Este, apesar da ditadura e após superá-la, iria ser retomado em nível mais alto ainda e, com mudanças verdadeiramente qualitativas. (SODRÉ, p.1963)

Quanto a Caio Prado, ainda que sua obra tenha se constituído numa contundente crítica a Teoria Revolucionária da esquerda do país e, em especial ao PCB e a condução que ela vinha dando ao processo revolucionário brasileiro, é possível vislumbrar em suas reflexões uma visão otimista frente ao futuro do Brasil. Esta, podia ser percebida, principalmente, quando ele apontava as saídas possíveis e cabíveis para superar os entraves econômicos, políticos e sociais que o país enfrentava. Caio Prado, ao abordar qualquer aspecto envolvido no processo revolucionário brasileiro não se limitava a apontar os enganos cometidos pela esquerda brasileira. Como intelectual e militante ativo que foi ao longo de sua trajetória acadêmica e política, procurava constantemente apontar caminhos que permitissem as forças progressistas do país não desistirem de sua luta à favor das transformações revolucionárias que necessitava o Brasil.

Enfim, mesmo que o otimismo de sua obra não se encontrasse muitas vezes explícito, o próprio objetivo que orientava o seu trabalho, bem



como o conteúdo de suas reflexões poderiam ser lidos como uma mensagem de otimismo a seus leitores, permanecendo para a esquerda política brasileira como a primeira e uma das maiores contribuições que esta tenha recebido na condução de sua prática política e produção teórica, naqueles difíceis anos que se seguiram ao golpe.

Passadas mais de três décadas, do momento em que os livros destes autores foram escritos, um olhar retrospectivo nos permite concluir que mesmo com todas as particularidades apontadas em cada obra, sob determinado aspecto suas produções podem ser percebidas como resultado de uma das principais inquietações presente naquela conjuntura: a vontade de transformar o país.

Permeados por um imaginário revolucionário, o qual poderia se encontrar meio difuso para determinados setores da sociedade, principalmente, para aqueles que não participavam de nenhum movimento social organizado ou partido político, grande parte da sociedade brasileira no início dos anos 60 se encontrava na expectativa por transformações que alterassem a situação do país, de modo a melhorarem suas vidas.

Imersos neste *clima revolucionário*, uma vez que eram homens de seu tempo, Celso Furtado, Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Júnior, encontravam-se também, mergulhados nas utopias que mobilizaram as forças progressistas do país naquele momento. Cabe, entretanto, uma ressalva em relação à figura de Caio Prado. Nos parece, que ao realizar uma crítica da profundidade como a que o autor efetuou sobre a Teoria Revolucionária Brasileira, a qual orientou grande parte da ação da esquerda política do país na época, o autor estava contribuindo para a constituição de um novo imaginário de Revolução.

De qualquer modo, mesmo diferenciando-se quanto à idéia que mantinham acerca do que seria a Revolução Brasileira, tanto a obra de Caio Prado, quanto a de Furtado e Sodré podem ser percebidas como o sintoma de uma época, profundamente marcada pelo desejo e utopia de se construir no Brasil uma sociedade melhor de se viver.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Os Governos Militares*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- COMBLIN, Joseph. *A Ideologia da Segurança Nacional: O Poder Militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CURTIS, Regina Maria Gonçalves de. *As Relações de Poder no Cotidiano Escolar durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1971): Dominação e Resistência*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/IFCH, 1996, monografia.
- DECCA, Edgar de. "A Revolução acabou". In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, nº 20, pp.63-74.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FALCON, Francisco. *História e Poder*. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FLORESTAN, Fernandes. *O que é Revolução*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Saga, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.
- \_\_\_\_\_. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Análise do "modelo" brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.



- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- OLIVEIRA, Francisco de. Viagem ao Olho do Furacão. Celso Furtado e o desafio do pensamento autoritário brasileiro. In: *Novos Estudos CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento*. Ed. Brasileira de Ciências Ltda., nº48, julho, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n.29, v.15, 1995, pp.9-27.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- REIS, Daniel Aarão. *A Esquerda Armada: as organizações comunistas em armas ou a utopia do impasse*. ANPOCS, Águas de São Pedro, São Paulo, texto para discussão, 1984.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- \_\_\_\_\_. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Revolução Brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Ditadura: 20 anos de autoritarismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1984.
- TOLEDO, Caio Navarro de. (org). *Visões Críticas do Golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- WEFFORT, Francisco C. O populismo na política brasileira. In: *Brasil: tempos modernos por Celso Furtado e outros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

